

JANEIRO  
DE 1963

—  
PUBLICAÇÃO MENSAL

# Estudos

4.<sup>a</sup> Série

—  
N.º 11

O Mundo está a atravessar uma fase de transformação psicológica, que se reflecte nos problemas sociais, políticos e de educação, na vida familiar e profissional. Os "Estudos" estão publicando um resumo de estudos sobre estes problemas, realizados em Congressos, em comunicações, etc., os quais colocarão os seus leitores a par do conhecimento, soluções, que se reflectem na sua vida social e familiar, na educação e futuro dos filhos, nos seus problemas escolares e sociais, etc. Com um dispêndio inferior a Esc. 2\$00 por mês (veja «Condições de Assinatura», na capa) fica-se elucidado sobre muitos destes problemas.

## Higiene mental e problemas da educação

XI

AS RELAÇÕES ENTRE OS PAIS E OS FILHOS  
DOENÇAS DO FIGADO  
O REUMATISMO — Reumatismo visceral

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA DOMINGOS SEQUEIRA, 11, 5.º E. LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: SOC. IND. GRÁFICA - R. CAMPOLIDE, 133-B - LISBOA-1

Sala

Est.

Tab.

N.º

## Os «Estudos»

Este número é o 11.º da nova série, a 4.ª série dos «Estudos».

A 1.ª série, foi constituída por várias monografias, já esgotadas.

A 2.ª série tratou nos números 1 a 7, dos problemas ligados à inteligência e à memória, nos números 8 a 14 de ensaios de psicopatologia e nos números 15 a 32 de estudos sobre o optimismo e o pessimismo.

A 3.ª série foi especialmente dedicada a estudos sobre os desportos e a sua acção sobre o organismo; no entanto também se occupou de vários estudos sobre medicina.

Nos n.ºs 1 a 7 occupou-se da acção dos jogos e dos desportos sobre a saúde nos diversos períodos da vida. Nos n.ºs 8 a 20 occupou-se de problemas da acção terapêutica dos exercícios físicos; a obesidade e o emagrecimento; problemas da alimentação nos desportos, durante os treinos.

Nos n.ºs 21 a 31 occupámo-nos dos treinos, relação entre treino e adaptação, as ginásticas harmónica e coreográfica e os desportos que convém à mulher; a educação física na mulher e na criança; a dança, desde a mais remota antiguidade; efeitos dos exercícios na «segunda idade»; o envelhecimento normal e a velhice precoce; progresso da saúde dos últimos anos e insuficiências físicas dos desportistas e recuperação para o desporto.

A colecção destes números constitui um estudo detalhado e com muito interesse para todos os que desejam aumentar os seus conhecimentos gerais e se interessam pelos desportos.

A 4.ª série será publicada para divulgação dos princípios de hygiene mental e de educação, problema que está actualmente preocupando todo o mundo e sobre o qual se têm reunido congressos médicos e de psicólogos em vários países; efectivamente as perturbações causadas pela «guerra fria» têm provocado tão grande número de perturbações psíquicas e sociais, que este problema passou já do campo pessoal para o campo social; uma grande parte das doenças do coração e das doenças mentais são provocadas por falta de conhecimento dos princípios de hygiene mental e os efeitos desta perturbação social estão-se reflectindo assustadoramente na saúde dos indivíduos, de tal forma que constitui hoje uma preocupação permanente dos médicos e dos doentes.

Esta série de artigos é pois mais útil para conhecimento dos professores e dos pais e educandos do que dos médicos, cuja atenção tem sido chamada há muito tempo para estes graves problemas, que conhecem.

Depois de continuarmos com o estudo de vários problemas sobre psicologia social, passaremos a um estudo mais circunstanciado sobre educação da criança, complexos de inferioridade, compensações, métodos de superiorização, etc., praticamente da construção psíquica do futuro homem ou mulher.

JANEIRO  
DE 1963

PUBLICAÇÃO MENSAL

# Estudos

4.<sup>a</sup> Série

N.º 11

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA DOMINGOS SEQUEIRA, 11, 5.º E, LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: SOC. IND. GRÁFICA - R. CAMPOLIDE, 133-B - LISBOA

## Higiene mental e problemas da educação

XI

### AS RELAÇÕES ENTRE OS PAIS E OS FILHOS

É um problema sobre o qual muito se tem escrito e mesmo nesta revista «Estudos» tem sido tratado em vários artigos. No entanto o *Dr. Weston La Barre* da «Duke University» publicou há pouco tempo um estudo muito profundo (Revista «Medicine et Higiéne», de Geneve de 30 de Julho de 1962) de que, por o julgarmos muito interessante, transcrevemos alguns períodos. O *Dr. La Barre* é um dos antropologistas mais conhecidos nos Estados Unidos, sendo particularmente especializado em psiquiatria:

Já dissemos em artigos anteriores que a família é uma entidade exclusivamente humana; nenhum outro animal possui qualquer arranjo semelhante, porque nos animais, na sua maior parte, os parentes fisiológicos não ficam obrigatoriamente ligados por obrigações sociais que tornam permanente a sua associação.

Proteger, conduzir os filhos até à maturidade exige pouco tempo nos animais, mesmo nos mamíferos superiores; pelo contrário, na raça humana, uma «família» assenta em uma base biológica, que dá à associação normal dos pais, a duração da vida inteira, de tal maneira que o filho, dentro da protecção de uma família estabelecida em uma base estável, pode manter um período de dependência entre os seus membros, de uma intensidade e duração muito grandes. Nenhum outro animal tem uma tão longa aprendizagem da infância e pode dizer-se que os seres humanos se foram na realidade transformando, passando do estado de animais de instintos cegos, rapidamente para a vida adulta, depois de um pequeno período de dependência. Os seres humanos são, por es-



sência, animais destinados a aprender e que dependem, para a sua adaptação ao meio, do que lhes vai ser ensinado pelos membros mais velhos da mesma espécie. Por outros termos, os seres humanos são os únicos que são capazes de aprender, de falar e de formar esquemas culturais.

Esta adaptação biológica, única da «família», exprime-se pelo papel específico de cada um dos seus membros na educação. Em nenhuma outra família animal a mãe mantém os cuidados maternos durante tanto tempo e, por outro lado, não há outros filhos que sejam mais dependentes, biologicamente, do que a criança informe, que se vai transformar lentamente com os cuidados que vai receber e de quem a «personalidade» é simultâneamente um fenómeno de crescimento e de experiência da vida. Finalmente, enquanto os outros animais têm um pai biológico, só os homens têm um pai que está constantemente associado à unidade formada pela mãe e pelo filho. Penso que estamos suficientemente penetrados do que existe de «único» na situação biológica da família humana, porque creio que esta é a própria base do que existe de específico na nossa «natureza humana».

Por outro lado a família humana tem um carácter particular. Em primeiro lugar, do homem e da mulher nasceu o filho, cujo único interesse biológico é totalmente preenchido com a função de crescer e de aprender o papel de um ser humano. A seguir e depois de ter passado um terço da sua vida na nossa família, abandona-a fisicamente, e, em parte, emocionalmente, para fundar uma *nova* família, juntando-se a outro membro muito diferente dos da família em que nasceu, a que só fica ligado sentimentalmente e às vezes por associação ou suporte na luta pela vida. Vai constituir uma nova família, de procriação, em que o papel biológico é o de um adulto.

Este duplo ritmo de «família original» e de «família de procriação» é um momento crítico na vida de cada um de nós e o sucesso e a felicidade no interior da segunda família, dependem em larga medida da solidez das bases de crescimento que pudemos ter na primeira. *A família é um laboratório da personalidade*, seja qual for a maneira como a consideramos, como as nossas personalidades receberam a sua forma particular durante a infância ou como, já adulto, formámos a personalidade dos nossos filhos.

O Prof. La Barre, no seu curso no «Instituto da Família», evidencia o clima emocional das relações entre os esposos, que são extremamente importantes para a formação do meio em que vão aparecer as novas personalidades.

É baseando-se sobre as relações entre o marido e a mulher, que o filho vai encontrar os seus esquemas, de identificação sexual, as suas presciências do papel que o sexo joga no comportamento com o associado do outro sexo ou do mesmo sexo que o seu; na realidade todas

as ideias que ele vai fazendo do que é um homem são modeladas, primeiramente, sobre os seus pais e sobre as pessoas das suas relações. O que é certo é que uma das razões que favorece o desenvolvimento das diferentes personalidades no homem ocidental é o facto que nós temos uma família monogâmica, com um pai e uma mãe, que existem como pessoas diferenciadas e específicas e que exercem uma influência sobre nós, com muito pequena ingerência exterior durante os primeiros anos da nossa formação.

Em outras sociedades diferentes, com esquemas diferentes da nossa vida social, encontramos um valor diverso do indivíduo que, graças às nossas tradições judeo-cristãs, permitem uma gama intensa de variedades pessoais. A variação no interior de uma estrutura caraterial natural representa uma das maiores preocupações da antropologia moderna.

Tratando particularmente das relações entre os pais e os filhos, não podemos desenvolver este problema pensando apenas nas nossas sociedades europeias, e mais particularmente da Europa do Sul, região a que pertencemos. Na China clássica não existe separação da família original, mas a instauração e continuação de uma família patriarcal; todas as diferenças da sua estrutura fazem contraste com o individualismo robusto do ocidental e do carácter, quase sagrado, que tem o indivíduo, que a defende encarnadamente. Este carácter constitui uma explicação da oposição do Ocidente ao sistema comunista, em que o indivíduo não conta e facilita a instalação do bolchevismo, que é baseado sobre o sistema comunitário e que tem como primeira finalidade o aniquilamento do «EU», do indivíduo.

Em Samoa a «família» comum é útil a todos; a criança faz a sua aprendizagem social, sob a vigilância dos irmãos e irmãs mais velhos, que substituem os pais, quando é preciso: não existe uma separação tão sensível entre as gerações, com os seus problemas de revolta do adolescente quando as gerações vivem à parte. Nas ilhas de Adaman, a criança é adoptada por um grande número de pais, de tal maneira que pode dizer-se que todos os adultos cultivam as relações sociais com todas as crianças, destacando-se muito pouco as diferenças individuais.

Nas sociedades africanas, a pessoa deixa cedo a família e são os contemporâneos que tomam sobre si a tarefa da socialização. Na Oceânia, nas tribus, o tio materno ou o paterno toma o papel de pais sociais, sob o ponto de vista económico e mesmo de outros interesses. Bastam estes exemplos para nos fazer compreender como o nosso sistema familiar representa um agrupamento único e sujeito a muitas contingências.

Na África e no Oriente, a sucessão do comando do grupo, ou tribu ou pequeno sobado ou reinado, enfim, a sucessão do chefe não é feita de pais para filhos, mas sim, do chefe para o seu sobrinho, filho da irmã mais velha. Isto parece estranho e irregular, para a nossa educação e no entanto tem a sua lógica. O que se deseja na sucessão hereditária do chefe

é que o futuro chefe tenha as qualidades hereditárias da família; ora o príncipe, não há dúvida de que é o filho da sua mãe, mas pode havê-las sobre se é o filho do rei ou do soba; mas no que não há dúvida é que o filho da irmã mais velha do rei é do mesmo sangue do que o rei; a hereditariedade do sangue só é plenamente garantido quando é estabelecida através das mães; assim o herdeiro directo, que traz consigo as qualidades indispensáveis da família é o filho mais velho da irmã mais velha. Este sistema tem o inconveniente de criar crises e guerras dinásticas, mas tem indiscutivelmente a sua lógica...

É estudando històricamente a nossa sociedade, observando as transformações sucessivas no decurso das idades nas relações entre os pais e os filhos, que devemos basear os nossos estudos actuais. A transformação, no ramo da cultura, tem o seguinte aspecto: — Os pais, com a sua personalidade modelada pela geração dos pais que os antecederam, vão-se modificando sucessivamente em virtude de situações novas com que vão deparando as gerações e como, mais uma vez, sob a influência, por um lado da experiência dos seus pais e por outro do que vão aprendendo por si, têm por vezes dificuldades em os saber educar, pois vão sendo criados em uma situação histórica, em grande evolução, muito diferente daquela situação em que foram criados e educados.

A tarefa da educação torna-se cada vez mais difícil!

Os pais do último quartel do século passado não tinham dificuldade na educação dos filhos; esta era feita em formas rígidas, dentro de princípios julgados imutáveis, duros mas firmes e que formavam também homens firmes, ainda que de bom coração e carácter, intransigentes nos princípios da educação.

Toda a vida de então, tinha um aspecto de situação de segurança no futuro, quando a educação seguisse as regras formadas. Os pais sabiam que se os filhos os copiassem, observando-os, *portavam-se como deviam*; não tinham mais do que seguir os seus exemplos, para que os seus filhos recebessem as virtudes da educação dos pais, mantendo assim a sociedade em um equilíbrio e progresso altamente desejáveis.

Essa educação, contrasta com a da época actual, em que os filhos são educados em uma atmosfera de concessões e facilidades e não fazem ideia alguma do que era a educação no tempo da era a que pertenceram os seus pais ou avós.

Julgo, como La Barre, que a revolta surda da geração actual, que já principiou no princípio do século, foi o resultado de uma transição que pode às vezes ter as suas justificações.

Os rapazes do começo do século já começaram a sentir-se mais cônscios de si próprios, no seu papel de «indivíduo» e deram origem a uma nova geração, já diferente. Durante este tempo surgiu a primeira guerra mundial, que transformou a mentalidade social anterior; ela abriu largamente as portas à «democracia» e reduziu a pedaços a con-

vicção dos meados do século XIX, do progresso automático, que se ia exercendo no «melhor dos mundos».

Muitos de nós lembramo-nos dos rapazes da época de 1920, da juventude ardente e do seu estado de revolta, sob diversos aspectos. Os pais de então, educados à maneira anterior, querendo mostrar razões categóricas para dirigir a educação dos filhos, não se sentiam com a mesma segurança que tinham os pais deles; muitos deles tinham visto a derrota das afirmações e princípios em que foram educados.

Mas temos de compreender o dilema dos pais dessa época: Como proibir a revolta dos seus filhos contra algumas das suas determinações, se eles próprios já se tinham algumas vezes revoltado contra a dureza da educação dos seus pais? — Daí resultou a falta de segurança dos pais modernos, a procura ansiosa, através de todas as teorias, para aprenderem a comportar-se devidamente no seu papel de pais. Felizmente, os pais das gerações anteriores, estiveram livres das preocupações, por vezes aflitivas, que têm pais e os educadores actuais, frequentemente desorientados pela incompreensão destes problemas!

Durante algum tempo, os educadores e os pais utilizaram os horários rigorosos e a falsa psicologia que consistia em poderem modelar as crianças, como se fossem argila fresca. *Gesell* veio ensinar-nos como a criança passa por fases relativamente rígidas no seu desenvolvimento motor. Depois *Spock* mostrou que as crianças têm uma espécie de *desenvolvimento interno e individual*, por fases sucessivas. Se as crianças do meio do século passado pudessem ver como as de agora são educadas, como ficariam surpreendidas e invejosas!

O problema é saber se podemos desempenhar perfeitamente o nosso papel de pais, quando ninguém nos ensinou a sê-lo, no ambiente actual.

Foi uma responsabilidade que caiu sobre nós, que não calculávamos as suas dificuldades quando casámos!

Mas nós temos a consciência das nossas terríveis responsabilidades, nos desastres que podem resultar dos erros em educar.

Fomos também vítimas de choques provocados pelas circunstâncias que actuaram sobre nós como pais e como seres humanos. A maior parte, entre nós, passou por um período de grande depressão, que não se fez sentir com tanta gravidade em Portugal, durante e logo a seguir à segunda guerra e não nos podemos admirar se muitos procuram mais a segurança em que se possam apoiar, do que o estudo dos problemas que actualmente influem sobre os homens. A segunda guerra mundial produziu um choque que, mais ou menos, atingiu todos; todos sentimos o choque terrível do conhecimento das barbaridades diabólicas que os homens foram capazes de praticar, não só na parte activa da guerra, mas sobretudo nos campos de concentração de Dachau e Buchenwald. Perdemos a confiança nos sentimentos humanos; mas por outro lado,

pensando hoje friamente, temos de confessar que poderíamos ser capazes de ter deixado cair as bombas atômicas sobre Nagasaki e Hiroshima.

Estes abalos psíquicos geraram novas compreensões, raciocínios e exigências. Assistimos à exibição de filmes em que perante as violências, os horrores e os crimes, as crianças chegam a rir! E isto habitua a criança à familiaridade com os horrores e com os choques brutais, o que às vezes instiga e justifica actos da sua crueldade nata. O civilizado volta à origem, aos instintos animais, com a animalidade das suas reacções, mesmo contra os conselhos ou ordens dos pais.

Os pais de hoje, sujeitos a todos estes choques e sofrendo consciente e inconscientemente, têm grandes dificuldades em fazer a passagem da sua para a futura geração. O que vai provocar as reacções dos nossos filhos, não é o que nós *dizemos*, mas sim o que nós *fazemos*. Eis-nos pois colocados no nosso dilema actual de pais, sobretudo aqueles de nós que têm de se preocupar com o problema dos estudos. Alguns desejariam passar para os professores as suas obrigações, que consistem em defenderem e ensinarem os valores-base da família; mas os professores protestam; «a educação moral — dizem eles — pertence à família e a instrução à escola». Porém as escolas não se podem desinteressar da educação moral. A educação e a instrução devem ser baseadas na colaboração dos pais e dos educadores. Os que, por comodismo ou dificuldade de compreensão do problema, empurram parte dos deveres para outrem, procurando uma desculpa para a sua consciência hesitante, faltam ao seu dever; não estavam à altura das responsabilidades; e é esta situação difícil que merece um exame especial.

Surgiram várias escolas para solução do problema, complicado e ansioso da educação dos filhos. Podê-los-íamos classificar nos seguintes grupos:

a) — Educadores com princípios de autoridade rígida exigindo obediência automática.

b) — Pais que entendem que devem apenas dirigir ligeiramente as tendências e vocação dos filhos, respeitando-as como direito natural e procurando mostrar-se muito bons companheiros, julgando que só assim conquistam futuros amigos nos filhos.

c) — Pais egoístas, que entendem que os filhos, sobretudo depois do período infantil têm já inteira responsabilidade do futuro que preparam. Se procedem bem, conquistarão um futuro fácil; se procedem mal se revoltam, o futuro se encarregará de os ensinar e castigar...

d) — Os pais que seguem a escola da «educação natural» e que entendem que as crianças devem ser auto-educadas conforme o seu temperamento.

Depois de algumas considerações gerais sobre as situações psicológicas dos educadores (pais e professores) e dos educandos, estudaremos cada uma daquelas escolas em particular.

Se quiséssemos reunir em uma fórmula única a missão moral dos pais, principiariamos por perguntar a nós próprios: — «Em que escala de valores me hei-de basear, para saber até que ponto a minha indiscutível superioridade e os meus conhecimentos me permitem exigir e estabelecer repressões nos meus filhos?»

«Eu estou pronto para reconhecer que sou falível, mas uma das noções primordiais devia ser o poder estabelecer o controle do castigo». Este conhecimento é muito difícil para a criança, mas também é muito difícil para a adulto.

Se o destino do homem é ser o único animal capaz de fazer a história, temos de olhar para o passado para encontrar princípios directivos e se o homem não reconhece este princípio, cai no empirismo da educação.

Como exemplo prático, façamos um balanço da educação das crianças, entre o período dos últimos 100 anos e no período actual.

Os antigos esforçavam-se por proteger os seus filhos contra os aspectos mais repugnantes da existência; mas estes filhos que foram objecto de uma protecção exagerada, tornam-se adultos; esquecem toda a gratidão pelo esforço dos pais e têm o sentimento vago de que lhes encobriram muitas coisas e não os deixaram ter a liberdade de fazerem o que lhes apeteceu; por isso reagem de maneiras diversas, por um estado de insatisfação, ou uma tendência para fugirem às responsabilidades.

A autoridade paterna deve ir fazendo uma abdicação progressiva, à medida que o filho cresce e não, como muitas vezes sucede, de repente. Ao passo que as crianças se vão transformando em adultos, devemos tratá-las a pouco e pouco, como homens. O próprio adolescente nos vai dando as indicações; muitas vezes o processo é muito difícil; não há nada mais tocante e punjente que ver um adolescente, a quem se deu uma certa independência encher-se de medo perante certos factos e voltar-se para os pais, para lhes pedir conselhos e segurança. Mas se os pais inteligentemente, a pouco e pouco, lhes derem alguma liberdade, terão assim maior influência sobre o filho. Os pais que não tomam atitudes de ditador, ensinam ao filho que eles não são infalíveis, mas que, «*neste caso e por certas razões, o que te convirá fazer é...*»; e é desta maneira que o filho poderá aprender, pela forma como o pai o vai dirigindo o que significa *ser adulto*.

Vamos agora tratar particularmente de cada um dos quatro grupos a que atrás nos referimos.

a) — *Pais autoritários*: — Estes são os representantes da escola antiga, dos séculos XVIII e XIX, dos que receberam uma educação rígida e que, pelos resultados que obtiveram com a educação que os pais lhes deram, julgam que a devem transmitir aos filhos, pela mesma maneira. São levados, por sistema e muitas vezes com desgosto interior, a serem

rígidos, não cederem na educação, que deve ser feita por *acções* comandadas e, quando não cumpridas, por *repreensões* ou *repressões*.

Ninguém pode decretar de maneira categórica, qual a dose exacta da repressão ou da agressão. A única coisa que se pode afirmar é que a quantidade de agressão moral e brutal recebida pelos jovens, pelas histórias e fitas de «cow-boys» ou de fitas de criminalidade, algumas com heróis perversos ou brutais, não é apropriada para fazer compreender e aceitar os hábitos de repressão e de controle da agressão, que são indispensáveis ao nosso mundo complexo e em que é difícil manter uma ordem suficiente para que todos nele possamos viver civilizadamente. Estes mesmos princípios gerais têm aplicação *a todas* as expressões de emoções e de atitudes que as crianças tomam.

Um erro grave dos pais à «antiga» que mostra serem «personalidades autoritárias», é sublinhar permanentemente e sem razões, o seu poder categórico. Estes pais transformam as suas relações com os filhos em uma luta da força, contínua e sem razão. Pretendem mostrar à criança que se deve limitar a uma obediência absoluta arbitrária e não procuram as relações humanas com os filhos, baseadas sobre o raciocínio e sobre a amizade.

Estas crianças assim educadas, sobretudo se não têm um temperamento forte, aprendem a deixar-se dominar completamente pelos outros, a nunca darem a sua opinião para não criarem atritos, a tornar-se reservadas ou, pelo contrário, depois de muito recalcarem as suas contrariedades e humilhações a tornar-se intratáveis e a sua educação leva-os a não criarem relações afectivas de intimidade, nem com os pais, nem com a família que mais tarde vão organizar.

Uma criança que só conheceu pais autoritários, que têm sempre razão (por direito divino) chega a criar um erro de raciocínio, de posições absolutas, mais ou menos estereotipadas no quadro como ele compreende a vida dos grupos internos, familiares, e da sociedade em que vivemos, que chegam a detestar.

Os pais autocratas podem ter sucesso, mas muitas vezes a sua educação é seguida de insucessos, criando elementos defeituosos, deformados, maus elementos sociais.

Quando a sua acção se exerce sobre um filho com fraqueza congénita física ou moral, quando um acontecimento exterior o submerge, ele deixa-se aniquilar. É que só aprendeu a obedecer e nunca lhe permitiram reagir. Então a angústia e a dependência submergem-no. Verifica que os princípios imutáveis do pai, faliram e então procurará salvar-se, tentando encontrar um *novo pai*, um conselheiro, que auxilie a raciocinar e a reagir. Esse *novo pai*, passa a ser o homem poderoso, protector e consciente e o seu pai natural desapareceu da sua vida afectuosa. É o *novo pai* que o ensinará a realizar-se a si próprio, a conseguir ser adulto, ser homem...

Se, porém o indivíduo possui qualidades de energia, de reacção, que não se podiam evidenciar por o pai não lho permitir, transformar-se-á, por compensação, em uma pessoa que adorará comandar os outros, a exigir obediência absoluta.

Alguns filhos que vêem sempre o pai como um tirano e a quem outros companheiros se queixam de igual ditadura dos seus pais, começam por se revoltarem contra todos os pais, homens egoístas e sem razão, segundo pensam. Ao terem conhecimento pelos jornais, cinema, etc., de grandes atrocidades no mundo, atribuem tudo ao carácter de ditador, da vontade de conquista dos adultos, dos fortes contra os mais fracos, etc. e assim se gera o *revoltado* por desforço, ou o revoltado cheio de ideias generosas, próprias da juventude e que entende que o mundo se deve estabelecer em novas bases; revolta contra a autoridade, contra os formalismos, contra os deveres sentimentais pré-estabelecidos, etc. — É esta uma causa dos *anti-familiares*, dos *anti-sociais*, dos que querem cortar com o passado e só viver o presente, dos existencialistas, dos «teddy-boys», dos «blusas negras», etc. que querem mostrar teatralmente a sua independência e a necessidade de formar uma «nova vaga».

A história é feita de uma série de experiências sobre a humanidade, conjunto a que pertencemos e onde havemos de nos lançar, com todos os seus riscos e perigos. As condições da história nunca se repetem, mas os seres humanos são semelhantes; a história humana, já nos ensinou como os homens habituados a sofrer o comando total dos educadores, fizeram a transição do Kaiser para Hitler, do Czar para Estaline e talvez mesmo de Napoleão para De Gaulle.

Da história recente das relações entre os pais e os filhos podemos tirar as mesmas lições. Contrastando com o autocrata dos princípios do século XIX e a organização das famílias nesse tempo, assistimos hoje à família amorfa e anarquizante dos tempos modernos. O autoritarismo imobilizava as relações pais-filhos em um molde permanente que se manteve quase igual através os tempos; por outro lado, nas famílias anarquizantes, os pais abdicam das suas responsabilidades. Cheios de medo perante os problemas actuais ou aterrorizando os seus filhos, experimentam praticar um falso igualitarismo, que não tem lugar na biologia humana. Os pais obscurecem ou mesmo invertem os papéis e as relações de base na família. Daqui resulta um caos instável; a falta de educação é a regra diária e esta situação torna-se perigosa para os pais e para os filhos.

Os pais em face da situação, em último recurso, intervêm com as armas de ditador, que não sabem manejar e de que não têm o comando, o que lança todos na confusão e na desorientação.

Basta a descrição que fizemos de um dos tipos de educadores, os *pais autoritários*, para verificarmos como uma orientação fixa, rígida,

sem ter em conta a psicologia individual pode levar a grandes erros, a inutilizar o futuro dos seus filhos, deixando de os converter em amigos e muitas vezes transformando-os em inimigos; vamos estudar os outros «tipos» para tentarmos chegar a uma conclusão.

b — *Pais fáceis, amáveis, fracos*: — Muitos pais que não sabem como resolver os problemas de educação que lhes pertencem ou que não estão disposto a suportar o combate de pais-filhos, para a sua educação, recorrem ao sistema de tomarem a orientação da educação, como um direito da criança de se guiar a si próprio na vida e, vendo o mau resultado da educação que muitos pais rigorosos, conseguiram, tentam criar no espírito dos filhos a imagem do *pai bondoso*, do *pai camarada*.

Ora os pais não têm o direito de abandonar os filhos aos seus sentimentos naturais, dos quais o primitivo é o do egoísmo absoluto, que foi transformado por séculos de educação social e que os pais têm o dever de corrigir, auxiliando os filhos a poderem fazer parte da sociedade em que vivemos, com os limites morais e jurídicos que ela impõe.

Os pais sabem o que os filhos ignoram; podem fazer o que as crianças não podem, pôr novos filhos no mundo. As pretendidas posições de *camarada dos filhos*, ou de *companheiro* dos filhos são uma ficção. Mas supondo que isto seria possível, por parte dos pais, estarão eles convencidos de que o filho deseja que o pai seja um bom companheiro de todos os seus actos e ensinamentos? — Penso que é a última coisa que eles poderão desejar! Se os pais pretendem abdicar do seu estado e responsabilidades de adultos, privam também os filhos do seu estado e responsabilidade de crianças. Os pais que dizem *compreender tudo*, desculpando o que os filhos fazem, ou que fingem tudo compreender, são um perigo público, sob o ponto de vista psiquiátrico. Privam constantemente o filho das repressões *de que ele precisa* para chegar a ter o seu lugar no mundo, como um *adulto normal*.

As crianças nunca compreendem o igualitarismo do «camarada»; sabem que são mais fracos, mais inexperientes (ainda que se atribuam já saberem tudo da vida...) mas têm a certeza de que são diferentes. Traduzem o «pai-camarada», como uma pessoa que se quer desculpar perante os filhos das infantilidades ou faltas de senso que pratica e que aqueles julgam sempre sem atenuantes. O *pai excessivamente bondoso* é compreendido pelas crianças como um ser fraco, incapaz de se impor, que obedece a uma forte reacção do filho (que ele terá de utilizar quando for necessário) e que, na melhor das hipóteses, só lhes merecerá o carinho que alguns filhos adultos têm pelos seus pais, já muito velinhos, quase sem vontade. Estes filhos desejam sempre dirigir os pais, com carinho; mas se os adultos continuam a respeitar os pais, os jovens ou as crianças, perdem-lhes o *respeito*, que é indispensável em uma família bem formada, mesmo porque só se toma o exemplo das pessoas que admiramos e respeitamos.

c) — *Pais egoístas*: — São mais frequentes, do que seria para desejar. Uns são-o por constituição própria ou por educação recebida. Outros transformam-se em egoístas por se sentirem mal compreendidos pelos filhos e revoltam-se contra a injustiça, a falta de gratidão em relação com os sacrifícios que têm feito para os criar e educar.

Ora quase todos os pais criam e educam os filhos, mesmo à custa dos maiores sacrifícios; é essa uma função vital; e quando eles saem bem educados, honestos, trabalhadores, os pais sentem a satisfação, o orgulho dos seus filhos; mesmo que na vida social eles cheguem a ocupar lugares de destaque, muito acima da condição social do pai, estes nunca sentem emulação ou inveja, antes aumenta o seu orgulho; o filho foi feito por eles, é *obra sua* e os seus sucessos reflectem-se sempre nos pais.

Os filhos muitas vezes são injustos para com os pais; não sentem aquela gratidão, que seria natural, mesmo porque muitas vezes não avaliam sequer os sacrifícios que os pais fizeram para os educar, até mesmo as privações por que passaram. E quando se sentem injustamente tratados, para a sua revolta, nada influem os sacrifícios dos pais; raciocinam: — tudo quanto fizeram era obrigação deles, que têm a responsabilidade de me terem lançado no mundo.

Os pais, porém, não sentem da mesma maneira. Revoltam-se também e entendem que já fizeram pelo filho mais do que ele merece. Auxiliaram-o quando era pequeno e agora, que pensam livremente e tomam atitudes de ingratidão, estes pais julgam que já fizeram tudo quanto lhes competia e que talvez mesmo já tivessem ido mais além. Agora que o filho já se sente independente, que siga independente; tirará lucros do que fizer de bom e receberá as reacções do que fizer de mau...; e se sofrer por isso, mereceu-o; não é mais do que o resultado da justiça imanente, da justiça de Deus... E alguns até julgam bem que eles recebam algum castigo...

Outros, julgando que os filhos sentem como adultos, seguem o sistema da educação em compensações. Estes pais educam os filhos no regime de «toma lá, dá cá», que também empregam na sua vida social com outras pessoas; eles ensinam assim que o valor das coisas, para a troca, é superior ao valor das pessoas. São tristes exemplos de humanidade, que necessitam sempre de artifícios materiais para sustentar um Eu, pouco intenso e um sentimento que se vai extinguindo. Ora as *coisas* não têm valor real, sob o ponto de vista emocional. O facto de alguns pais só darem títulos de propriedade em lugar de afeição, cria futuros proprietários, mas não os ensinam a manter os laços afectivos da família presente ou futura.

Não incluímos aqui, de forma alguma aqueles pais que vão dando aos filhos a título de incentivo, prémios em dinheiro ou em títulos de crédito, ou ainda mesmo em propriedades. Essas ofertas, feitas com cari-

nho, em dia de satisfação, como aniversários, exames com aprovação, etc., não só são estímulos para futuros sucessos e demonstrações de carinho por actos da sua vida, em que eles vêem que os pais estão intimamente ligados, mas também são motivos de educação. Vão-os ensinando a administrar-se; se os títulos ou as propriedades são deles, vão cortando os cupões, ou recebendo as rendas; sentem-se senhores de valores que vão administrando, o que lhes dá interesse e personalidade; e todos os meses ou todos os anos relembram que foi ao carinho dos pais que devem aquele bem estar, sobretudo moral. Quando os pais fazem anos, oferecem-lhe uma prenda paga *com o seu dinheiro*, cujo valor para eles é infinitamente maior do que se um dos pais lhe oferecer dinheiro para comprar um presente para o outro e em cuja escolha nem sequer lhes deram a liberdade de intervir. As ofertas naquelas condições são presentes e provas de carinho, sendo ao mesmo tempo meios de educação para as pessoas que, quando adultos, tenham de se dirigir por si próprios.

d) — *A «Educação natural»* — Representa uma teoria que tem tido nos nossos tempos largo campo de aceitação e que julgamos prejudicial e ilógica.

É um grande erro psicológico ou de educação, acreditar que a criança pode crescer livremente sem qualquer repressão das suas manifestações instintivas. Seja qual for o sistema social do mundo, ele só pode ser mantido por um sistema de conselhos, de prémios e de repressões, de que tem de se fazer a educação e o esclarecimento prévio. São *as regras da civilização e da cultura*.

É natural que se estude quais são as repressões de que temos necessidade para obter os fins que desejamos; depois teremos de estudar quais são, entre elas, as que são inúteis ou ditadas por nervosismos e que não só não obtêm o resultado imediato mas que põem em risco, afastar-nos dos fins que nós mesmo fixámos.

O sistema de «escola livre» aconselhado por *John Dewey*, considerado como democrático, faz passar a responsabilidade da decisão para os filhos. Experimentando dar a cada filho o direito com que nasceu, de poder chegar à cultura, sejam quais forem as suas capacidades intelectuais, diluimos de cada vez mais a base sólida das matérias que deveríamos ensinar, de tal forma que aquilo em que assentavam as bases da educação está praticamente a desaparecer da escola.

Os americanos rejeitam tudo quanto é antigo, mesmo em educação; mas nós precisamos, para transformar a função da escola, de transmitir o passado, com todas as suas implicações intelectuais, em uma série de lições que se intitularão «Como vencer na vossa vida», e sobre as quais se têm escrito tantos tratados.

Como podemos tomar atitudes contra o conformismo das crianças, se nada lhes ensinamos? Desembaraçado dos conselhos e pressões dos

pais, o filho só encontra a opinião dos seus colegas, como valores de educação. Como é que a criança sabe o que há-de fazer, como se há-de conduzir quando chegar à idade adulta? E quem, além dos adultos, o poderá aconselhar?

No abandono do papel da escola, que é baseada sobre a opinião da criança, os adultos, no fim de contas, abdicaram do seu papel de «adultos», que é de decidirem o que é que as crianças têm necessidade de saber. As crianças chamadas a pronunciar-se sobre o que devem estudar, opinam pela lei do mínimo esforço, para estudar o menos possível.

No momento que atravessamos, os pais merecem censuras por não se preocuparem com o futuro dos filhos, ocupando devidamente o seu papel de educador. O estudo sobre a família, feito por La Barre, pôs em evidência que existe um certo número de dados biológicos aos quais não podemos fugir; todas as teorias sob a base de um idealismo democrático não podem encobrir o facto de que as crianças são incapazes, dependentes, sem maturidade e ignorantes e que os adultos, ainda que não sejam, infelizmente, nem omniscientes nem omnipotentes, têm muito mais saber e experiência do que as crianças.

**Conclusões** — As conclusões sobre um problema, cujas soluções mudam com a evolução dos problemas sociais, nunca podem ser definitivas. Há no entanto algumas considerações que são sempre oportunas.

Muitas das conclusões já são tiradas da exposição que fizemos sobre os quatro tipos de «pais».

O papel dos pais é formarem cidadãos preparados para a vida da sociedade em que vivemos. O facto é que têm sobre si uma responsabilidade a que não podem fugir e que não podem transmitir para os filhos, senão à medida que estes provem aos pais que vão estando nas condições de receber o fardo de adulto.

Todas as instituições sociais têm como base a família. A justiça surge quando um pai, embaraçado com disputas entre os filhos, tem de usar de toda a sua autoridade para julgar, servindo de mediano entre eles. Em uma família bem organizada, tem de se procurar sempre a equidade entre os irmãos, sob a conduta de uma autoridade justa e paternal. Desde que a família é a matriz da sociedade, tem de ser constituída por pessoas que deveriam ter sido consideradas como tal desde o princípio; mas na família cada pessoa tem papéis diferentes e forças diferentes, bem como outros fins biológicos. As relações pais-filhos, baseadas sobre o amor, mas também sobre a inteligência, não podem em momento algum ter o luxo de negar ou de abdicar do papel que lhes pertence e têm de desempenhar.

A abdicção da autoridade, baseada no raciocínio e no amor, pode representar um verdadeiro crime, pelos prejuízos que causará ao futuro dos filhos.

Podem fazer-se concessões e é inteligente fazê-las, menos porém no que é basilar sob os princípios da honra, dignidade e do dever de educar. É só assim os pais cumprem o seu dever de protectores dos filhos, aplanando o caminho para o seu futuro.

Não se deve também exagerar nem prolongar a protecção ao filho na puberdade, como se fosse permanentemente uma criança. Estes, que desejam conquistar a sua personalidade, não perdoam aos pais, pois se julgam diminuídos com esse excesso de carinho que lhes tolhe a iniciativa, diminuindo a sua personalidade. — Este sistema dá origem a uma espécie de ressentimento, primeiro contra os pais, depois contra a família e mais tarde contra a sociedade em que vive. Este ressentimento contra todos dá origem a uma atitude de desrespeito, de cinismo, com rejeição total dos princípios em que foi educado; para eles, os pais são classificados de hipócritas ou de ignorantes, cujos princípios de educação devemos rejeitar para educar os nossos filhos de maneira diferente, libertando-os das humilhações que sofremos; é este pensamento que os domina.

Mas devemos sempre manter, devidamente regulada, uma protecção, às vezes mesmo disfarçada, quando existem complexos. É esta uma das funções indispensáveis para auxiliar a transição de «criança» para «adulto normal».

Uma das dificuldades e de muitas incompreensões desta transição é a que respeita à expressão dos sentimentos de ordem sexual.

Actualmente os rapazes estão-se lançando à aventura em um mundo existencialista, em que os valores deixaram de estar fortemente enraizados em princípios, considerados até há pouco, como absolutos. Pelo que respeita às revelações da sexualidade e aos instintos devemos regulá-las de forma a podermos viver em comum na sociedade.

As raparigas são mais precoces do que os rapazes no sentir sexual; desde meninas que são mais *coquetas* do que eles e esta *coqueteria* é natural, porque nelas se está já a desenvolver a função para que foram criadas, a de agradar ao homem, para o conquistar, para se completar e exercer a função nobre de dar filhos. Mas esse impulso natural, para sua própria defesa, tem que ser concedido, refreado e disfarçado. O rapaz, como todos os animais, tem o prazer de conquistar; a conquista fácil, como ela a deseja, pode satisfazê-los mas não cria a paixão que deriva do apetite e das *dificuldades* em o satisfazer.

A ambição dos rapazes é conseguirem uma situação que os eleve à condição de poderem ser *chefes de família*; a forma da mulher é um motivo agradável, mas não um fim.

É claro, que os rapazes, não fogem a esse desejo e sentem também a necessidade de agradar, para melhor poder conquistar. Têm também a sua *coqueterie*; escolher bem as suas gravatas, os seus fatos, pentea-

rem-se bem, lançar olhares meigos e aliciantes, dançar bem, ser gentil, são tudo armas que lança naturalmente para que possa ser desejado e conquistar. Outros, os da «nova vaga», procuram agradar, por um desmazelo provocante, não usando camisa, despenteados, fatos enrugados e mal limpos, calças caídas, sapatos deformados, barba por fazer, ou barbas à Fidel, para corresponderem aos atractivos das da «nova vaga»: despenteadas, de camisola enrugada, de peitos agressivos, debaixo da blusa ou camisola, ou então desmazeladas, mal calçadas, etc. Este desmazelo não é natural; é apenas para agradar aos desmazelados; é uma classe a conquistar também...

Mas por mais que os rapazes façam em artificios para agradar, nunca levarão a palma às raparigas, mais arteiras, mais hábeis, exercendo melhor a função de agradar e conquistar com que a natureza as fadou. Às vezes até têm a habilidade de se deixar conquistar, pelos que elas previamente já conquistaram...

As raparigas e os rapazes têm de ter sempre em conta, cada um, os fins do outro; elas, que eles a desejam conquistar; eles, de que o primeiro interesse deles é conquistarem posições para depois se completarem com a conquista da mulher.

Uns e outros estão sujeitos a deslizar, e ambos lhes sofrem as consequências. Às vezes a satisfação do desejo que originou o deslize de momentos, inutilizou totalmente o futuro; o que é mais frequente nas raparigas...

Ser cauto e ser casto é a regra...

As raparigas devem lembrar-se de que devem ser honestas, ou parecê-lo. Os rapazes gostam muito das *vamps*, com ancas movediças e olhares prometedores mas, para casarem, preferem a rapariga comedida, honesta, que dê a garantia de ser uma boa esposa e uma boa mãe, educadora para os seus filhos. E para isso, não é necessário e até é prejudicial o exagerado movimento de ancas e os olhares lascivos e perturbantes...

Estamos a viver uma vida de ansiedade permanente. Os existenciaлисты anunciam que «a essência do homem é a liberdade»; e esta *liberdade* representa para nós a maior angústia. Nós sabemos bem que a classificação dos nossos valores é obtida por uma *escolha*; que a «personalidade» é o produto de um encadeamento, de influências anteriores, que modelaram o indivíduo, desde o seu período infantil.

As relações entre os pais e os filhos são baseadas no amor, no carinho, em que os pais devem ocupar completamente o seu lugar de pais e de educadores e os filhos devem-lhes corresponder, compensando-os dos seus esforços que devem ser retribuídos com respeito, carinho e amizade.

Os pais têm de se convencer de que a criança é uma criança, de que a idade da puberdade é diferente e de que a educação nesta idade, merece cuidados, carinhos e firmeza especial. Não são os pais anodinos, sem esforço pessoal, egoístas, que criam os filhos úteis e amigos. São os que

lhes dedicam o seu esforço, carinhoso e educativo e quem assim lhes prepara um futuro e um lar.

Para melhor estabelecer as boas relações entre os pais e os filhos, aqueles devem sempre pensar que — «O adulto *deve ter* as qualidades que pertencem ao adulto. As *crianças* têm o seu valor próprio. *É aos pais que pertence o dever de o reconhecer, de o proclamar, de os proteger.*

### Os maus filhos...

Falámos sobre as relações entre pais e filhos. Muitas vezes os pais desgostam-se por ter um *mau filho*, um *filho ingrato*, um *filho que degenerou*, etc.; por outro lado, porém, há filhos que se julgam incompreendidos pelos pais, o que é relativamente frequente, mas que é o primeiro passo para uma segunda fase, em que se sentem esmagados, irritados pela atitude do pai e que começam a sentir uma intolerância nas suas relações que vai até à inimizade.

Vamos pois estudar os problemas dos «filhos maus».

O que é um «filho mau»?

No *critério do pai* é um filho que não corresponde aos seus esforços, aos seus desejos e que principia a irritar-se, a faltar-lhe ao respeito, um insubordinado; ou então que reage pela inércia, não trabalhando, não estudando, mostrando completo desprezo pelas recomendações ou avisos, ou mesmo intimações dos pais ou também pelos conselhos das mães, respondendo desabridamente ou mesmo malcriadamente.

No *critério do filho*, não é ele quem é um «mau filho», mas o seu pai é que é um «mau pai», que nunca o soube compreender nem educar, que o despreza, que não lhe dá bons exemplos e que o trata de forma tal, que o incita à insubordinação. A sua vida em casa tornou-se impossível e fará tudo para sair daquela atmosfera, para construir a sua própria vida.

O pior é que, às vezes, tem razão.

Quais são as culpas dos filhos? — São a preguiça, não aceitar os conselhos, comportar-se mal com a família, com a sociedade, envergonhando os pais ou ainda praticando actos imorais, roubos, provocações constantes, desordens, etc.

Quais são as culpas dos pais neste desentendimento, separação de convívio, na péssima convivência em comum, que piora progressivamente?

Nas considerações que fizemos sobre as relações entre filhos e pais, já encontrámos resposta para algumas dessas manifestações de um estado grave de crise.

Mas os filhos, que julgam os pais, encontram muitas vezes as razões que procuram para justificar a sua atitude. Uma dessas razões é a verificação do «egoísmo» dos pais, que não sentem as dificuldades dos filhos e não os prepararam para as vencer; perante as reacções dos filhos, tomam por vezes uma atitude de absentismo dos seus problemas, ou atitudes violentas que agravam as posições dos dois.

Outras vezes o que, perante eles, justifica a sua atitude de desrespeito, são os maus exemplos dos pais, atitudes libertinas, ligações exteriores, atitudes menos honestas nos negócios, etc. Como dissemos, os filhos julgam sempre os pais, e as suas sentenças não têm apelação... É preciso que os pais tenham isto sempre bem presente... Outros dos maus exemplos é o pai fazer descarregar os seus nervos excitados por contrariedades exteriores, na mulher ou nos filhos; estes sentem à injustiça praticada para com a mãe ou vice-versa ou para com eles e, nas questões entre marido e mulher, que deveriam ser íntimas, mas muitas vezes, explodem diante dos filhos, levam-os a tomar o partido de um dos pais, tornando difícil a vida em casa; este é também um mau exemplo dado pelo pai ou pela mãe.

Estes estados de incompreensão, de irritação, mesmo de intolerância entre os pais são uma fatalidade para os filhos!

As mães têm grande influência, pelo exemplo, sobre as filhas. Se exageram os motivos de agradar, se são excessivamente *coquetes*, justificam tudo quanto as filhas possam fazer neste sentido; mas se dão maus exemplo, de *flirts* ou ligações, são verdadeiras assassinas do moral das filhas, pois perdem a dignidade, e merecem as censuras, o desrespeito ou o sentimento de vergonha das filhas.

Também, quando os pais se mostram violentos e as mães tomam o partido do filho, censurando o pai e, por detrás das costas, dando dinheiro ao filho para sustentar os seus vícios ou mandriices, cometem grande falta contra o equilíbrio da família e o futuro dos filhos. A mãe deve sempre ser o elemento temperante entre as irritações e atitudes do pai e do filho, bem como o pai nunca deve dar razão à filha contra a mãe, mesmo que esta se mostre exigente.

A noção de «maus filhos» ou de «maus pais» é muito relativa e, geralmente são os que os classificam, que provocam as situações.

Há porém casos — e infelizmente muitos — em que pais que se dedicam inteiramente aos filhos, só recebem ingratidões e más atitudes perante os seus conselhos. Alguns desses filhos praticam irregularidades sociais e nestes casos o julgamento da sociedade atinge-os profundamente, no presente e no futuro.

O equilíbrio entre os membros da família baseado no amor e no respeito mútuo, é a melhor garantia para se estabelecer o futuro dos filhos. Pais e filhos são culpados se não empregarem todos os meios para manter esse equilíbrio, não só na sua casa mas, constituídas novas famílias, com os cônjuges dos filhos e mais tarde com os filhos dos seus filhos. Uma família forte contribui para a solidez de cada um dos seus membros, cujo apoio na vida se soma paralelamente aos membros da família que são seus amigos.

## DOENÇAS DO FÍGADO

É muito conveniente que os hepáticos, conheçam bem o que é o fígado e quais as funções que exerce no organismo.

Para melhor se poderem compreender as várias perturbações e doenças do fígado, iremos publicar nos números seguintes vários artigos, mas vamos principiar por descrever este órgão.

O fígado pesa cerca de 1.450 gramas; recebe dois vasos sanguíneos muito importantes, que são a *artéria hepática*, que é o vaso de nutrição e a *veia porta* que conduz para o fígado o sangue venoso dos intestinos, do estômago e do bazo; do fígado saem as *veias supra-hepáticas* que lançam na *veia cava* o sangue recolhido no fígado.

O fígado é constituído por uma reunião de *lóbulos hepáticos*, no centro dos quais está uma veia, a *veia supra-hepática*, aderente ao tecido do fígado. As células hepáticas constituem o elemento essencial, específico do fígado. As *veias portas* que cercam o lóbulo hepático, constituem uma rede. Os *canais biliares* cercam o lóbulo hepático.

O fígado tem funções múltiplas, a que nos vamos referir.

1.º — *Fabrica a «bilis»*. É sobretudo em jejum ou entre as refeições, que produz a bilis e é no final das refeições que se faz a excreção da bilis para o intestino. O homem segrega cerca de 1.200 grs. de bilis nas 24 horas, mas uma parte é reabsorvida; a bilis fresca é amarela, cor que lhe é dada pela bilirubina; quando sofre um primeiro grau de oxidação torna-se verde, o que é devido à transformação da bilirubina (pigmento biliar) em biliverdina.

Os ácidos biliares são também fornecidos pelas células hepáticas.

A bilis partilha com o suco pancreático, o poder de emulsionar e de absorver as gorduras que não são absorvidas pelo organismo, senão depois de emulsionadas. No seu trajecto intestinal, a bilis tem um papel antisséptico. É um líquido muito tóxico; basta injectar nas veias de um animal 5 a 6 gr de bilis por quilo do animal, para provocar a morte com sintomas convulsivos.

2.º — *Fabrica a «matéria glicogénica»*, na célula hepática seja qual for a alimentação e mesmo fora da alimentação feculenta e açucarada.

As matérias açucaradas absorvidas nos intestinos não permanecem no fígado no estado de açúcar; transformam-se imediatamente em *substância glicogénica* que, por seu turno, se transforma em glicose, que é lançada na circulação geral, à medida que a economia a necessita para os fenómenos de nutrição e de calorificação.

O mecanismo da formação e evolução do açúcar, resume-se no seguinte: — A célula hepática fabrica glicogénio; uma parte fica ali armazenada, como *alimento de poupança* e outra parte vai ali recebendo continuamente a acção de um fermento, que nasce no fígado e, sob a influência deste fermento, o glicogénio, *transformado em glicose*, passa

para as veias hepáticas e daí para toda a economia, para assim contribuir para a nutrição geral e manutenção do calor animal.

Durante a vida do homem, estas duas ordens de fenómenos, a secreção do glicogénio e a sua transformação ao contacto do fermento produzido pela célula hepática, são simultâneas; mas, depois da morte, a secreção do glicogénio, que é o acto vital, pára, ao passo que a sua decomposição em produtos secundários continua.

3.º — *Formação de gordura no fígado.* — Referimo-nos ao acto fisiológico e não à degenerescência gordurosa do fígado — A formação da gordura parece resultar de uma transformação da substância glicogénica. Isto compreende-se pelo fenómeno que se passa nos patos que, alimentando-se sòmente com alimentos feculentos e açucarados, acabam por ter um fígado enorme. A formação de gordura não se faz exclusivamente no fígado, mas este órgão participa largamente na sua formação.

5.º — *Formação da ureia:* — Segundo estudos já antigos, de *Murchison* e de *Brouardel*, a ureia, considerada como um fenómeno de combustão ou como o resultado de desdobramentos orgânicos, nasce na intimidade dos tecidos de todo o organismo. Segundo uma teoria mais moderna, a ureia forma-se quase exclusivamente no fígado; os estados patológicos que exageram as funções normais do fígado favorecem a produção, por vezes considerável, da ureia; os estados patológicos que tendem para diminuir ou destruir a função do fígado (atrofia aguda) produzem uma diminuição notável da quantidade de ureia excretada pelas urinas.

6.º — *Função anti-tóxica* — *Schiff* foi o primeiro que demonstrou que o fígado tem ainda a função de fazer parar, na sua passagem, neutralizando-as ou destruindo-as, as substâncias tóxicas absorvidas nos intestinos e transportadas pela veia porta. A célula hepática tem a missão de destruir, em parte, os alcalóides provenientes das fermentações pútridas que resultam da digestão intestinal.

Ora a infecção é constante nos intestinos; durante todo o dia os agentes da putrefacção intestinal que se encontram sempre nos intestinos, dão origem a produtos tóxicos que os intestinos absorvem, produzindo uma intoxicação, mais ou menos intensa. Se esta intoxicação não é, em geral, de grande gravidade, isso é devido às defesas naturais do organismo, quando este é sã. O fígado exerce uma barragem, destrói ou transforma uma parte dos venenos absorvidos; o sangue, queima uma parte e o rim elimina o excedente (1).

---

(1) Este mecanismo demonstra a vantagem do uso regular, desde criança, dos fermentos lácticos que, combatendo os agentes patogénicos no intestino, atacam ou evitam a auto-intoxicação intestinal, que tanto contribui para a velhice precoce, do fígado e do rim. Sobretudo quando a pessoa não é inteiramente saudável; se já sofre do fígado ou dos rins, deveria defender-se permanentemente das auto-intoxicações pelo uso dos fermentos lácticos; assim conseguirá prolongar a vida desses órgãos e, em conjunto, de todo o organismos.

Os venenos do trajecto gastro-intestinal são produzidos em grande parte pelos micróbios que decompõem as substâncias ternárias e quaternárias da alimentação. Por outro lado os mesmos micróbios produzem directamente toxinas; assim, a infecção e a intoxicação ficam intimamente confundidas.

Os intestinos são a porta mais largamente aberta aos venenos da intoxicação; por seu lado, o fígado protege o organismo opondo-se à acção dos venenos para os neutralizar ou rejeitar para os intestinos; é portanto a *praça-forte* avançada contra a intoxicação do organismo. O conhecimento do poder antitóxico do fígado e o conhecimento da auto-intoxicação intestinal, a que já nos referimos em vários artigos e que vamos desenvolver nos números próximos, traçam o quadro das relações patológicas entre o fígado e os intestinos. O fígado combate na proporção de 50 por cento, os efeitos dos alcalóides vegetais (morfina, quinina, curare) e as substâncias tóxicas da bÍlis, absorvidas no intestino.

Procurámos descrever, resumidamente as funções do fígado normal, mas a descrição, para melhor compreensão do problema, será completada quando tratarmos a seguir da «Congestão do fígado», das várias «Cirroses», das «Degenerescências, gordurosa e amilosa do fígado», da «Litíase biliar» e das «Cólicas biliares».

No primeiro número referir-nos-emos ao problema da «Regeneração do Fígado» e aos processos para defender este órgão contra a degenerescência.

Pela descrição, resumida, que fizemos das funções do fígado, verifica-se facilmente a importância que ele tem nas funções de assimilação e de defesa do organismo.

Entre essas funções falámos principalmente da fabricação da bÍlis e da matéria glicogénica, na formação de gordura e da ureia no fígado e na sua função anti-tóxica. O desenvolvimento do estudo referente a cada uma destas funções daria motivo à publicação de muitos artigos; mas o fim desta publicação é o da vulgarização dos conhecimentos gerais, para que as pessoas melhor se defendam, mostrando-lhes a necessidade de conservarem o fígado são, para o bom desempenho das suas funções e para pôr bem em evidência que, sempre que o seu fígado não funcione perfeitamente, devem procurar o seu médico, sujeitando-se ao tratamento e dieta necessárias à manutenção da sua saúde.

Como medida de precaução e higiene devemos ter como princípio que devemos começar a poupá-lo, desde novos. Quando o fígado não funciona bem, produz perturbações em todos os outros órgãos e no estado psicológico do indivíduo; as perturbações locais, reflectem-se nas modificações do temperamento e no carácter do doente; publicaremos também um artigo especial sobre a psicologia dos doentes do fígado.

# O Reumatismo

## II

### REUMATISMO VISCERAL

Tratámos no número anterior do *reumatismo articular agudo*. Vamos prosseguir, com o estudo das *localizações viscerais do reumatismo agudo*.

Além dos casos em que o reumatismo fica limitado à zona das articulações, há outros em que atinge igualmente as vísceras, criando modalidades clínicas muito diversas. Habitualmente, o ataque principia pelas articulações e, alguns dias depois aparecem complicações viscerais, tais como a endocardite, a pericardite, a pleurisia, o reumatismo dos centros nervosos, das vias digestivas e urinárias, localizações viscerais de que algumas são frequentes e outras raras.

Há porém casos em que a marcha normal é invertida; o doente aparece com uma angina reumatismal, uma endocardite, uma pleurisia e só mais tarde aparece o reumatismo articular.

**Reumatismo do coração** — O coração é o órgão predilecto do ataque reumatismal e o que é notável é que o reumatismo, habitualmente fugaz por natureza, tende a fixar-se sobre o coração com uma tenacidade que dá origem à maior parte das doenças deste órgão.

Foi em 1832 que *Bouillard* descreveu, como entidade patológica, a *endocardite reumatismal* e demonstrou que esta endocardite, passando de aguda ao estado crónico, é origem de lesões orgânicas do coração; descreveu as «leis de coincidência», em que mostrou que quando o reumatismo articular é violento e generalizado, as alterações do pericárdio e do coração são quase sempre constantes e só são excepção quando o reumatismo é ligeiro. Estas conclusões põem em evidência a necessidade de procurar tratar, o melhor possível, os acessos de reumatismo agudo, para evitar a formação de lesões cardíacas. *Bouillard* demonstrou que a endopericardite reumatismal existe nas proporções de 30 a 50 por cento dos casos de reumatismo agudo. Nas crianças são mais de temer as complicações cardíacas nos reumatismos ligeiros.

A endocardite reumatismal poupa geralmente as válvulas aórticas e ataca sobretudo a válvula mitral; vai-se instalando insidiosamente com um ruído de sopro sistólico, cujo máximo se sente na ponta do coração. Devemos no entanto ter cuidado em não considerar como sopro de endocardite os sopros anémicos que são tão frequentes durante os ataques de reumatismo.

Depois de uma duração que não vai além de duas semanas, a endocardite pode curar-se, mas o desaparecimento do sopro não é sempre um sinal de cura; esta pode ser aparente e o doente estar no começo de uma

endocardite crónica de evolução lenta e latente e só muitos anos depois aparecerem os sinais de uma lesão mitral.

A *pericardite reumatismal* raramente é acompanhada de derrame líquido; à auscultação revela-se muitas vezes por ruídos de atrito que frequentemente tomam o ritmo de um ruído de galope. A pericardite esquerda é muitas vezes seguida de pleurisia, com ou sem derrame. A pericardite isolada não tem gravidade; já o mesmo não sucede com a pericardite intensa com derrame ou associada à pleurisia, que já tem gravidade.

A *flebite reumatismal* é muito conhecida. *Trousseau* refere-se a ela, muitas vezes com observações notáveis.

A flebite aparece tanto no reumatismo ligeiro como no intenso; pode ficar limitada a uma veia ou generalizar-se a muitas. Na maior parte dos casos, como *Vaquez* refere no seu livro «Flebite dos membros», o reumatismo escolhe um segmento venoso superficial, sem o obliterar; ataca mais em volta da veia, do que dentro dela.

**Reumatismo do aparelho respiratório** — A *pleurisia* aparece habitualmente na segunda semana do reumatismo articular agudo; às vezes mais tarde e, em alguns casos, aparece antes das manifestações articulares.

A pleurisia reumatismal ora é insidiosa, ora aparece de repente e é dolorosa; pode ser simples ou bilateral e é muitas vezes associada à pericardite (pericardo-pleurite); a regra é aparecer com derrame líquido; o líquido aumenta rapidamente e, muitas vezes desaparece também bruscamente.

A *fluxão pulmonar* de origem reumatismal existe também, ou no estado de hiperemia simples ou no estado de hiperemia fleumásica; esta última forma é conhecida sob o nome de *pneumonia reumatismal*, ainda que de facto não exista pneumonia. A fluxão pulmonar é habitualmente fugaz e pouco grave, mas pode deixar atrás de si a pleurisia ou o catarro sufocante, muito grave.

A *pneumonia reumatismal* pode aparecer e desaparecer muitas vezes durante a marcha de um ataque de reumatismo articular e, algumas vezes, alterna com as dores articulares.

**Reumatismo cerebral** — O reumatismo articular, sejam quais forem as dores e a febre não determina habitualmente qualquer perturbação intelectual.

O reumatismo cerebral pode apresentar-se sob formas diversas. Só em casos raros, os acidentes cerebrais aparecem bruscamente, sem prodromos; habitualmente porém anuncia-se por alguns prodromos: dores de cabeça, alucinações, ideias incoerentes; estes prodromos duram algumas horas ou alguns dias e só depois os acidentes se manifestam com intensidade. O doente não tem consciência das suas dores articulares que, em alguns casos, desaparecem antes das manifestações cerebrais.

A temperatura atinge ou passa de 40 ou 41 graus; o delírio, mais ou menos violento dura dois ou três dias, podendo ser entrecortado com remissões ou com convulsões, o que é um sinal de gravidade.

Por vezes o delírio segue uma marcha lenta e crônica; dura muitas semanas; o doente torna-se taciturno e melancólico, apavorado com a doença, mas acaba por se curar.

Os accidentes cerebrais são muitas vezes preparados pelas actuações anteriores ao ataque de reumatismo; as fadigas intellectuais, desgostos, emoções depressivas, alcoolismo, hereditariedade nervosa, parece serem condições favoráveis para a explosão do reumatismo cerebral.

O reumatismo pode também determinar complicações na *medula cerebral* e nos seus evolutórios. Manifesta-se por dores lombares, que podem atingir os membros inferiores, com paraplegias e contracturas. Os esfincteres ficam intactos; não aparecem sinais de anestesia ou perturbações tróficas. O *reumatismo espinal* termina pela cura.

Outras complicações nervosas, mais raras, são a coreia, a esclerose em placas e nevrites.

**Reumatismo das vias digestivas** — A *angina* é uma das manifestações frequentes do reumatismo, que precede as manifestações articulares.

As complicações reumatismais do estômago e dos intestinos são muito raras; aparecem sob as formas de catarro gástrico, de cólicas, de fluxo intestinal abundante, de diarreia serosa ou de evacuações disenteriformes.

**Reumatismo das vias genito-urinárias** — Quando durante um reumatismo agudo aparece albuminúria, isto é o índice de uma nefrite, habitualmente ligeira e superficial; só excepcionalmente aparecem nefrites graves.

Pode mesmo dizer-se que o reumatismo que, como as doenças infectiosas, tem tanta predilecção para atacar outras vísceras, poupa habitualmente os rins. Têm aparecido, muito raramente, casos de *hemoglobinúria reumatismal e hematúrias*.

Pode também aparecer tenesmo vesical e dores nos testículos.

**Manifestações cutâneas do reumatismo** — As dermatoses que aparecem mais frequentemente durante os ataques de reumatismo são o *eritema*, a *purpura* e a *urticária*, mas estas complicações são sobretudo devidas aos *pseudo-reumatismos*, a que nos referiremos em outro artigo.

O *eritema* reveste diversas formas; pode ser *papuloso*, *nodoso* ou *poliforme* e precede muitas vezes as manifestações articulares. A *urticária* pode aparecer isolada ou coincidir com o eritema. A *purpura* é geralmente simples e tem predilecção para aparecer nos antebraços, pernas e parte interna das coxas.

No tecido celular subcutâneo, o fluxo reumatismal manifesta-se por *edemas*, mais ou menos localizados, com formação de *nodosidades*,

que desaparecem rapidamente ou ficam durante muito tempo. Alguns edemas aparecem nas pálpebras, na face, no escroto.

**Reumatismo nas crianças** — Habitualmente os sintomas gerais pouco intensos; a febre é ligeira, os suores são moderados, as perturbações cerebrais são rariíssimas e poucas articulações são invadidas. Mas, apesar desta aparência benigna, o reumatismo nas crianças é sempre de temer, porque o seu coração é muitas vezes atingido, podendo manifestar-se por perturbações cardíacas.

**Tratamento** — Não vamos aqui detalhar o tratamento especial a fazer em cada uma das complicações do reumatismo, pois é tratado em artigos referentes às doenças do coração e às doenças do aparelho respiratório. O tratamento geral já foi descrito detalhadamente no número anterior.

---

## CURIOSIDADES

**A percentagem de doentes mentais** — Em França, encontram-se hospitalizados 110 000 doentes mentais, distribuídos por uma centena de casas de saúde pertencentes a entidades públicas ou privadas. No entanto, todos eles são mantidos pelo Estado, o que acarreta uma despesa diária de seis mil contos para o Governo francês.

Este número tende a aumentar em média 5000 por ano, desde há dez anos e ultrapassa, actualmente, um terço do total da população hospitalizada. Em relação ao número global de habitantes dá uma percentagem de quase três doentes mentais em 1000 pessoas.

A França situa-se assim numa posição média entre a Inglaterra, Suíça, U. S. A. e países escandinavos (onde a percentagem de doentes é de quatro por mil) e os países mediterrâneos. Nestes, a percentagem é ligeiramente superior a 2 por mil. («Diário de Notícias», de 22 de Junho de 1962).

**As transformações do tecido pulmonar nos fumadores de cigarros** — Na reunião dos especialistas americanos das doenças do pulmão, os Drs. *Auerbach e Cuyler Hammond* apresentaram em 24 de Junho de 1962, um estudo baseado nas autópsias que fizeram desde 1955 no «Veterans Hospital de East Orange».

Tiraram sistematicamente amostras no quatro lóbulos pulmonares de pessoas sobre as quais tinham previamente estudado os seus hábitos, particularmente pelo que respeita à quantidade de cigarros que fumavam por dia.

O relatório apresentado representa um estudo preliminar. Só se refere a 242 pessoas, das quais 2 eram mulheres. Delas 52 morreram com cancro do pulmão (mais de 20%) e as outras de doenças respiratórias diversas, cancros variados, perturbações circulatórias ou outras causas.

Os autores verificaram uma relação muito estrita entre os hábitos do fumador e as transformações no epitélio de revestimento dos brônquios, que iam até à destruição do tecido alveolar e ao endurecimento das paredes das arteríolas, o que explicava a frequência da expectoração sanguínea ou eivada de sangue.



## Para combater as **Tosses** devemos preferir

Quando se deseje também desinfectar os pulmões e os brônquios (o que é sempre aconselhável) o

### **Xarope Labsan**

Quando haja sintomas congestivos (tosse frequente e expectoração abundante).

### **Xarope Efe Labsan**

Quando a tosse é muito violenta ou quando o doente sofre de prisão de ventre, quando houver hemoptizes ou para a tosse convulsa, prefira,

### **Coqueluchol**

Qualquer deles se deve tomar na dose de 3 a 5 colheres por dia; as crianças devem substituí-las por colheres de sobremesa ou de chá, conforme as idades.

Os diabéticos, ou os doentes que desejem transportar consigo o medicamento, podem substituí-lo pela TOSSINA (3 a 5 comprimidos por dia) ou, quando a tosse seja intensa, congestiva, a TOSSIFEDRINA nas mesmas doses.

## **As dores consecutivas às operações cirúrgicas, extracções dentárias, pequenas operações**

tratam-se com **Espasmo-Dibar**, supositórios  
e, em geral,

### **Contra qualquer dor**

supositórios de **Espasmo-Dibar**, aliviam-a  
ou fazem-a desaparecer dentro de cerca de 10 minutos

# Assinatura dos Estudos

A 1.<sup>a</sup> série está esgotada.

A 2.<sup>a</sup> série está quase completa e será oferecida aos assinantes da 3.<sup>a</sup> ou da 4.<sup>a</sup> série.

A 3.<sup>a</sup> série compreende 40 números; o seu preço, completa é de Esc. 80\$00.

A 4.<sup>a</sup> série terá, pelo menos 25 números; a assinatura, do n.º 1 ao n.º 25 custa Esc. 50\$00 (cerca de dois anos de publicações).

Os números isolados custam Esc. 2\$50.

Os assinantes têm direito aos seguintes prémios:

- a) Colecção dos números, não esgotados da 2.<sup>a</sup> série (mais de 25).
- b) Um útil cinzeiro.
- c) Uma faca para papel.
- d) O Livro das Mães.
- e) Bónus de, pelo menos 20 % para a compra de sabonetes e outros artigos de toilette. Estes bónus, só por si, podem exceder o valor da assinatura.

A assinaturas continuam gratuitas para o pessoal dos quadros de saúde (médicos, veterinários, farmacêuticos, etc.).

Para combater os

## **GAZES DO ESTÔMAGO E DOS INTESTINOS**

tomar 1 a 3 comprimidos de

## **Carvão Sanitas, anisado e naftolado**

---

## **A Prisão de Ventre**

combate-se facilmente, com a

## ***Purgatose***

que facilita as dejeções, sem produzir irritação intestinal